

A questão da Paz

Eis como um correspondente do *Genevois*, diário de Genebra (Suíça), apresenta o problema:

«É inegável que a paz dos Bolxeviques merece mais a atenção da parte dos povos aliados do que a paz do Papa, a paz de Wilson ou as propostas mais remotas do Kaiser.

A proposta russa invoca, com efeito, o facto capital de serem as classes laboriosas, as quaes pagam a guerra, que finalmente lhe suportam o peso todo; e, dirigindo-se em nome dos commissarios do povo russo aos povos beligerantes, assenta um principio interessante, a saber: *que é aos povos que compete estabelecerem as suas condições de paz, se se quer obter uma paz duradoura.*

Claro está que os povos dos Impérios centrais não formularão as suas condições de paz senão por intermédio dos seus governantes, e mas não será doloroso ver, nos povos aliados, uma attitude análoga e tam pouca paixão em se interessar pelo grave problema da paz?

No entanto, os povos aliados escusam de recer fazer mais mal, — no decorrer das suas negociações de paz, — de que os seus dirigentes durante a presente guerra, se se pensa a que atoleiro os diplomatas e governos aliados levaram os seus povos nesses três anos.

¿Mas como se há-de fazer para ter o assentimento dos povos, numa manifestação real? Qual é o meio pratico? ¿Será ainda uma representação tirada de assembleias populares?

Façam o que fizerem, assim predominará sempre a opinião maiorista, não se podendo chamar a isso *paz dos povos*. Tam habituados estamos, nas lutas politicas, a satisfazer-nos com ella e a sacrificar-lhe a minoria, que, num problema como o da paz, — que deve satisfazer a unanimidade dos povos, — custa-nos a entrever os meios que os povos aliados fencionam empregar para afirmar realmente e realisar as suas condições de paz quando soar a hora.

Por ora, como vemos que só o povo

russo, em revolução, se occupa com paixão da sua situação e da gravidade do problema da paz, e devemos nós concluir daí que os outros povos aliados terão que fazer também a revolução para que venha a paz dos povos?

Os partidários do estatismo tantas leis teem feito, umas sôbre as outras, e tam bem ensinaram o respeito da legalidade; tam apegados estão a elas os povos, que estou persuadido de que há-de ser essa alternativa, — fazer a revolução, — que lhes há-de permitir realisar a paz dos povos.

Haveria, no entanto, a pratica dos meios extra-legais, que foi quase totalmente esquecida, de tal modo subsistia o culto do sufrágio universal e dos sistemas eleitorais.

É aliás a recusa dos socialistas alemães, — que se fizeram mestres em estatismo, — de empregarem esses meios extra-legais (chegando até à greve geral em caso de mobilisação) que nós devemos a guerra actual.

¿Será pelo desconhecimento do seu uso que nós veremos os povos aliados deixar que lhes seja imposta a paz dos governantes e dos diplomatas, ou então tentarem realisar a paz dos povos por meio duma revolução, cujas consequências se não podem prever? *That is the question.* E neste momento não sei responder.

AS CONDIÇÕES DE PAZ

Seria interessante e elucidativo estudar detidamente as variações dos fins de guerra ou condições de paz das potencias beligerantes, sob a acção da intervenção norte-americana, da revolução russa e dos seus acontcimentos da guerra, do seu caracter inédito.

Quanto ao programa de Wilson, trazendo na enfática fraseologia do democratismo universal os interesses norte-americanos do mar livre e dos mercados emancipados de tutelas economicas e politicas, falou há pouco Trótski com nitidez: «A última fórmula do presidente Wilson declara que a América não procura um engrande-